

O planeta era verde, azul e salpicado de branco. Assemelhava-se a outros mundos que Han encontrara ao longo dos anos. Porém, aquele não tinha nome, espaçopostos, nem instalações orbitais, cidades, fábricas ou naves.

— E aqui, então? — indagou à Mara.

Não houve resposta. Han olhou para trás e deparou com ela fitando o planeta como se estivesse hipnotizada.

— E aqui, ou não? — insistiu ele.

— E aqui — confirmou ela, com voz rouca. — Chegamos.

— Ótimo. Muito bom. Agora vai nos dizer onde fica essa montanha? Ou vamos ficar voando por aqui até vermos de onde vêm os tiros?

Mara sacudiu a cabeça.

— E mais ou menos a meio caminho entre o Equador e o Pólo Norte. Perto do extremo este do maior continente. Uma única montanha, no meio da floresta e do campo.

— Certo — assentiu Han, fornecendo os dados para o computador, esperando que os sensores não falhassem. Mara já tinha feito comentários demais sobre o *Falcon*.

A porta da cabine abriu-se e Lando entrou, seguido de Chewbacca.

— Que tal? Chegamos?

— Chegamos — respondeu Mara, antes que Han dissesse alguma coisa.

Chewbacca rugiu uma pergunta.

— Não, parece um lugar de baixa tecnologia — explicou Han, balançando a cabeça. — Nenhuma fonte de energia ou transmissão no planeta inteiro.

— Bases militares? — quis saber Lando.

— Se existem, não pude localizar.

— Interessante — comentou Lando, espiando por sobre o ombro de Mara. — Eu não diria que o Grande Almirante é do tipo que arrisca

alguma coisa.

— Esse lugar foi projetado para ser um depósito pessoal — lembrou ela. — Não uma vitrina militar do Império. Não existia nenhuma guarnição, nem centro de comando chamando atenção por aí quando vim.

— Isso quer dizer que tudo o que ele tiver para defesa está dentro da montanha? — perguntou Han.

— Talvez também haja patrulhas do lado de fora. Mas não possuem esquadrilhas de caças, ou armamento pesado para lançar contra nós — informou Mara.

— Seria uma boa mudança, para variar — comentou Lando.

— A menos que Thrawn tenha resolvido colocar um par de guarnições por conta própria — sugeriu Han. — E melhor você e Chewie carregarem as armas nas torres, só para prevenir.

— Certo, parceiro.

Os dois saíram. Han dirigiu a nave segundo um vetor de aproximação geral, depois digitou o comando para a varredura dos sensores.

— Espera encrenca? — indagou Mara.

— Provavelmente, não. E que por um par de vezes a caminho, avistei alguma coisa lá atrás.

— Calrissian pensou ter visto algo quando mudamos de curso em Obroa- skai — lembrou ela, olhando o monitor. — Pode ter algo com um anulador de sensores muito bom.

— Ou é só algum problema no equipamento — disse Han. O Fabritech tem nos dado alguns problemas, ultimamente.

Mara virou-se para olhar a estibordo.

— Será que alguém poderia ter nos seguido desde Coruscant?

— Quem sabia que vínhamos? — argumentou Han, pensando que devia ter sido a imaginação. — Quanto desse depósito você conheceu?

Mara não pareceu nem um pouco convencida.

— Não muito mais do que o caminho entre a entrada e a sala do trono, no alto. Mas sei onde fica a câmara dos cilindros spaarti.

— E quando aos geradores? — quis saber Han.

— Não cheguei a vê-los, mas lembro de ter escutado que o sistema de resfriamento é alimentado por uma nascente na encosta noroeste da

montanha. Deve haver algo daquele lado.

Han mordeu os lábios.

— E a entrada principal fica a sudoeste?

— A *única* entrada — corrigiu ela. — E a única forma de entrar e sair.

— Já escutei isso antes.

— Desta vez é verdade — redargüiu ela. Han deu de ombros. Não fazia sentido ficar discutindo o assunto. Pelo menos até verificarem o local.

— Certo...

A porta da cabine deslizou e por sobre o ombro ele enxergou Luke entrando.

— Estamos aqui, garoto.

— Sei disso. Mara me disse — respondeu ele, colocando-se atrás dela.

Han olhou para o lado. Tanto quanto sabia, Mara passara a maior parte da viagem evitando Luke, o que não era muito fácil, numa nave do tamanho do *Falcon*. O Jedi devolvera o favor ficando fora do caminho dela, o que também não era fácil.

— Ela disse, é?

— Disse. Está tudo bem — garantiu Luke. — Então este é Wayland...

— É Wayland — confirmou Mara, retirando o cinto e levantando-se. — Volto já.

Passou por Luke e saiu.

— Vocês dois funcionam muito bem juntos — comentou Han, enquanto a porta se fechava.

— É verdade — disse Luke, acomodando-se na cadeira do copiloto. — Devia ter nos visto a bordo do *Quimera* quando fomos salvar Karrde. Ela é uma boa pessoa para se ter ao lado.

Han olhou para o cunhado.

— Exceto quando ela tem vontade de enfiar uma faca em você.

— Estou disposto a arriscar. Deve ser mais uma dessas maluquices Jedi...

— Não é assunto para brincadeira, Luke. Não sei se sabe, mas ela não desistiu de matar você. Disse isso a Leia, em Coruscant.

— O que me leva a crer que ela não quer fazer isso de verdade. As pessoas não andam por aí anunciando planos de assassinato. Especialmente aos parentes da vítima.

— Está disposto a arriscar a vida nisso?

— Já fiz isso — respondeu Luke, dando de ombros.

O *Falcon* percorria uma órbita sobre a atmosfera exterior e o computador identificara uma localização provável para o monte Tantiss.

— Pois bem, se me perguntar, esse não é um bom momento para arriscar a vida — respondeu Han.

Dedicou-se a examinar o mapa no monitor. Uma aproximação direta pelo sul lhes daria a cobertura da floresta tanto para aterrissar quanto para a viagem até a entrada.

— Tem alguma sugestão? — indagou Luke.

— Tenho sim. Deixamos ela no *Falcon*, no local onde aterrissarmos.

— Viva?

Han pestanejou; em outras circunstâncias, a pergunta teria sido ridícula.

— Claro que sim. Existem muitas formas de mantê-la longe de encrencas.

— Você acha mesmo que ela concordaria em ficar para trás?

— Ninguém disse que tínhamos de perguntar a ela.

— Não pode fazer isso, Han. Simplesmente não pode. Ela precisa tomar parte no final de tudo.

— Que parte? Destruir a instalação, ou matar você?

— Não sei — admitiu Luke. — Talvez ambos.

Han nunca fora um apreciador de florestas antes de ingressar na Aliança Rebelde. O que era diferente de afirmar que ele *não gostava* delas. Florestas não eram um assunto sobre o qual o contrabandista pensa muito. A maior parte do tempo você apanha e entrega cargas em pequenos espaçopostos, como Mos Eisley, ou Abregadorae; nas raras ocasiões em que você se encontra na floresta, deixa seu cliente observar

a floresta, enquanto você observa seu cliente. Como resultado disso, Han tinha a vaga noção de que uma floresta era como outra qualquer.

Sua experiência na Aliança Rebelde alterara isso. Em Endor, Corstris, Fedje e dezenas de outros planetas, aprendera pela forma mais difícil que cada floresta era diferente, com sua própria gama de plantas, vida animal e dores-de-cabeça em geral para o visitante desavisado. Um dos assuntos que a Aliança tinha ensinado muito mais do que ele gostaria de aprender.

A floresta de Wayland se adaptava ao padrão; e a primeira dor-de-cabeça foi descobrir uma forma de aterrissar através da copa densa das árvores sem deixar um orifício que qualquer piloto de TIE teria de estar dormindo para não ver. Em primeiro lugar, tinham de achar uma falha... no caso foi um tronco caído... e depois precisavam manobrar a nave de lado, o que podia ser fácil num asteróide, mas sujeito à gravidade planetária a manobra ficava arriscada. A segunda camada de folhas, descoberta após passar pela primeira foi também a segunda dor-de-cabeça; para pousar tiveram de quebrar vários galhos antes de conseguir estabilizar o *Falcon* e pousá-lo em relativa segurança.

— Bela manobra — comentou Lando, esfregando o ombro machucado pela correia.

— Pelo menos a antena do sensor ainda está no lugar — disse Han, desligando os repulsorlifts.

Lando piscou.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

Han deu de ombros, acionando os sensores para formas de vidas. Era tempo de descobrirem quem estava lá fora.

— Você garantiu que não ia acontecer nem um arranhão — lembrou Han.

— Está certo. Da próxima vez *eu* vou destruir o gerador de energia e *você* pilota direto para a Estrela da Morte, certo?

Aquilo não foi engraçado. Se o Império conseguisse recursos outra vez, Thrawn podia resolver construir mais uma daquelas armas.

— Estamos prontos por aqui — afirmou Luke, enfiando a cabeça na cabine. — Como foi?

— Não foi ruim — respondeu Han, olhando para o monitor.

— Acabei de captar alguns animais lá fora, mas estão mantendo distância.

— Qual o tamanho desses animais? — quis saber Lando, observando o monitor sobre o ombro do outro.

— E quantos são, exatamente, esses alguns? — emendou Luke.

— Uns quinze — informou Han. — Nada que a gente não possa controlar, se for preciso. Vamos dar uma olhada.

Mara e Chewbacca estavam esperando à porta de saída com Artoo e Threepio, que para variar estava quieto.

— Chewie e eu vamos na frente — disse Han, sacando a arma. — O resto de vocês fica em alerta aqui dentro.

Ele abriu a escotilha, e a rampa deslizou para fora, apoiando-se sobre as folhas secas com um som abafado. Tentando olhar para todos os lados, Han abaixou-se.

Avistou o primeiro dos animais antes de chegar ao final da rampa: era acinzentado, com pintas brancas no lombo e media talvez dois metros do nariz à cauda, ornada com um tufo de pelos na ponta. Encontrava-se agachado à base de uma árvore, os olhos pequenos seguindo todos os movimentos dos invasores. Os dentes e garras não deixavam margem a nenhuma dúvida: tratava-se de um predador.

A seu lado, Chewbacca rosnou.

— E, estou vendo. O pior é que tem mais quatorze desses escondidos por aí.

O wookie rugiu algo, gesticulando.

— Tem razão. Parece mesmo familiar. Talvez como aqueles panthac, em Mantessa? — respondeu Han, sem tirar os olhos do animal.

Chewbacca discordou.

— Bem, depois discutimos o assunto. Luke?

— Estou aqui — respondeu o Jedi, do início da rampa.

— Você e Mara tragam o equipamento para baixo — ordenou Han, reparando que a conversa não parecia perturbar o animal. — Comecem com as motos aéreas. Lando, você faz a cobertura. Fique atento.

— Certo — disse Lando.

Do alto vieram uma série de estalidos nas correias do guindaste, que erguiam a primeira das duas motos, depositando-a no chão. A

seguir, o zunido dos repulsores em aquecimento.

Com um súbito movimento e ruído de folhas e galhos, o predador saltou.

— Chewie! — foi tudo o que Han teve tempo de gritar antes que o animal saltasse.

Disparou bem no meio do torso e teve de abaixar-se para evitar o corpo do animal. Chewbacca dava um urro selvagem ao disparar sua besta um par de vezes, à medida que outros predadores atacavam, vindos das árvores. Da escotilha, alguém gritou alguma coisa e outro disparo se fez ouvir.

Com o canto do olho, rápido demais para registrar detalhes, Han viu as garras que se aproximavam.

Levantou o antebraço para proteger o rosto, recuando a cabeça tanto quanto possível. Um instante mais tarde foi derrubado pelo peso total do atacante, que o atingiu em cheio. Sentiu a pressão e a dor quando as garras rasgaram o traje camuflado...

E, de repente, o peso sumiu. Baixou o braço a tempo de ver o animal partir em direção à porta do *Falcon*. Ele girou e disparou, ao mesmo tempo que alguém, no interior da nave.

Chewbacca rugiu seu aviso. Ainda de costas, Han girou, para deparar com outros três animais correndo em sua direção. Derrubou um deles com dois disparos rápidos e tentava girar a arma na direção do segundo atacante quando pés calçados em botas negras surgiram à sua frente. Os animais saltaram na direção do brilho verde e caíram mortos.

Rolando no solo, Han colocou-se em pé e olhou ao redor. Luke estava meio agachado à sua frente, o sabre-laser em posição. Do outro lado da rampa, Chewbacca estava em pé, com três animais mortos ao redor.

Han olhou para o predador morto a seu lado e teve a oportunidade de examinar com detalhes...

— Cuidado! Tem mais três ali do outro lado — avisou Luke. Dois deles estavam visíveis, abaixados entre a vegetação.

— Eles não vão nos incomodar. Algum deles entrou na nave?

— Não foi muito longe — disse Luke. — O que você fez para provocá-los?

— Não fiz nada — disse Han, guardando a arma. — Foram você e Mara que ligaram as motos aéreas.

Chewbacca rugiu.

— E isso mesmo, Chewbacca. Foi lá que a gente encontrou com eles — disse Han.

— O que são eles? — quis saber Luke.

— São chamados garral — esclareceu Mara, do alto da rampa.

Encontrava-se agachada, ainda com a arma na mão. — O Império os utilizava como cães de guarda, geralmente próximos a postos na fronteira, onde dróides não são uma coisa prática. Existe algo no ruído ultra-sônico do repulsorlift que deve ter o som dos animais que eles caçam. São atraídos como por um ímã.

— Por isso é que eles se agruparam aqui, à nossa espera — disse Luke, recolhendo a lâmina, mas mantendo o sabre-laser na mão. — Escutaram os repulsorlifts do *Falcon*.

— Eles são capazes de escutar um repulsorlift desse tamanho num raio de muitos quilômetros. Isso significa que se eles foram monitorados por rádio, os defensores de monte Tantiss já sabem que estamos aqui — declarou Mara, saltando e caminhando em direção a um dos animais mortos.

Abaixou-se e enfiou a mão no pelo abundante do pescoço.

— Que maravilha — comentou Han, abaixando-se ao lado do garral que matara. — O que estamos procurando? Uma coleira?

— Provavelmente. Mas procure perto das pernas, também. Levaram alguns minutos para completar a tarefa, ao fim dos quais constataram que nenhum dos animais mortos levava um dispositivo de localização.

— Eles devem ser descendentes do grupo original trazido para proteger a montanha — comentou Lando.

— Ou então esse é o planeta onde se originaram — sugeriu Mara. — Nunca vi alguém citar o nome do mundo de origem deles.

— Significa encrenca de qualquer jeito — disse Han, jogando a última carcaça para o interior dos arbustos. — Se não podemos usar as motos, significa que teremos de caminhar.

Do interior da nave veio um ruído eletrônico.



— Desculpe, senhor, mas isso se aplica a Artoo e eu? — perguntou Threepio.

— A menos que tenham aprendido a flutuar — disse Han.

— Bem, senhor, é que me ocorreu que Artoo em particular não está muito bem adaptado para esse tipo de terreno, na floresta fechada. — Se o elevador de carga não pode ser usado, talvez possamos fazer outros arranjos — sugeriu o dróide.

— O arranjo é que vocês caminham como o resto de nós £. concluiu Han, sem a menor vontade de discutir com Threepio, — Vocês fizeram isso em Endor e podem muito bem fazer aqui.

— Em Endor o percurso era bem mais curto — lembrou Luke. — Vamos precisar de duas semanas de caminhada até a montanha.

— Não é tão ruim assim — comentou Han, revendo o cálculo. Era ruim o suficiente. — Oito ou nove dias, no máximo. Talvez um pouco mais, se encontrarmos algum problema.

,— Pode contar com alguma encrenca — avisou Mara, sentando-se e colocando a arma no colo. — Acredite em mim.

— Você espera que os nativos não sejam hospitaleiros? — indagou Lando.

— Espero que eles nos recebam de arcos abertos — respondeu Mara. — Aqui existem dois tipos diferentes de nativos: os psadan e os Myneyrshi. Nenhum dos grupos gostava muito de humanos, mesmo antes do Império se mudar para o monte Tantiss.

— Bem, pelo menos não estão ao lado do Império — disse Lando.

— Isso não é um grande conforto — resmungou Mara. — E mesmo que eles não causem problemas, os predadores vão causar. Teremos sorte se chegarmos em doze ou treze dias, não oito ou nove.

Han olhou para a floresta e algo lhe captou a atenção. Algo mais do que perturbador...

— Então vamos deixar por doze — concluiu ele. — Vamos logo. Lando, Mara, vocês escolhem o equipamento essencial que possamos carregar. Chewie, você pega as caixas de ração no depósito, junto aos conjuntos de sobrevivência... isso deve dar como comida extra. Luke, você e os dróides vão para aquele lado e vejam o que conseguem encontrar que sirva como caminho... talvez um leito seco de rio, porque estamos Perto o suficiente da montanha para encontrar vários deles.

— Pois não, senhor — respondeu Threepio alegremente pondo-se a caminho. — Vamos, Artoo.

Houve um murmúrio de assentimentos e Han dirigiu-se rampa acima; estacou quando Luke colocou a mão em seu ombro:

— O que aconteceu?

Han voltou o olhar para a floresta.

— Aqueles garral que nos observavam não estão mais por aí. Sumiram.

— Será que foram embora juntos? — indagou Luke, olhando para trás.

— Não sei. Não vi quando saíram.

— Acha que pode ser uma patrulha do Império?

— Ou um bando daqueles animais predadores que Mara mencionou. Está sentindo alguma coisa?

Luke inspirou e segurou o ar por um instante. Depois exalou bem devagar.

— Não sinto ninguém por perto — declarou ele, pouco depois. — Mas poderiam estar fora de alcance. Acha que devíamos desistir?

Han balançou a cabeça, nunca negativa.

— Se fizermos isso, perderemos nossa melhor chance. Uma vez que percebam que já sabemos onde ficam as instalações de clonagem, não haverá mais vantagem em ficar disfarçado como um planeta de periferia. Quando voltarmos com a força de ataque, eles terão uma frota de destróieres estelares esperando.

— É verdade — concedeu Luke, sorrindo. — Se eles seguiram o *Falcon*, quanto antes partirmos, melhor. Vai mandar as coordenadas para Coruscant antes de partirmos?

— Não sei — disse Han, olhando para o *Falcon* acima dele e tentando não pensar nas mãos dos homens do Império sobre ele. — Se existe uma patrulha lá fora, não vamos conseguir emitir uma mensagem que eles não interceptem.

— Parece arriscado — comentou Luke. — E se encontrarmos encrenca, não terão nenhuma idéia sobre onde enviar os reforços.

— Pode ser, mas se transmitirmos através de uma patrulha Ho Império, posso garantir encrenca — disse Han. — Estou aberto a

sugestões.

— Que tal se eu ficar para trás algumas horas? — ofereceu Luke.

— Se nenhuma patrulha aparecer, deve ser seguro transmitir.

— Esqueça. Você teria de viajar sozinho e existe uma chance razoável de que não encontre a gente.

— Tenho vontade de arriscar.

— Eu, não — disse Han. — Além do mais, toda vez que você sai sozinho acaba me metendo em encrenca.

— Às vezes dá mesmo essa impressão — admitiu Luke sorrindo.

— Pois pode apostar. Vamos, estamos desperdiçando tempo, vá logo para lá e encontre um caminho para a gente.

— Está bem. Vamos, Threepio, Artoo — chamou Luke, conformado.

A primeira hora foi a pior. A trilha vaga, lembrando uma picada, que Artoo encontrara, terminara numa moita de arbustos espinhudos cem metros adiante, forçando-os a abrir caminho pelo mato fechado. Nesse processo eles perturbaram mais do que a flora nativa e tiveram de perder vários minutos nervosos para abater um ninho de criaturas de seis pernas e meio metro de comprimento, que insistiam em atacá-los com os dentes e com as garras. Felizmente estavam aparelhados para apanhar presas menores e, além de duas marcas paralelas na perna esquerda de Threepio, ninguém mais sofreu dano algum. O dróide resmungou o quanto pôde sobre seus ferimentos, o que atraiu o animal de escamas marrons que atacou alguns minutos depois. O tiro rápido de Han errou o alvo e Luke teve de usar o sabre-laser para retirá-lo do braço de Threepio. Depois disso, o dróide ficou ainda mais inclinado a reclamar e Han estava ameaçando desligá-lo e deixá-lo para os animais noturnos quando depararam com o leito seco de um dos cursos d'água que desciam pela montanha. Com o terreno mais regular e a ausência de ataques, puderam progredir com maior rapidez e quando o céu começou a escurecer sob a copa alta das árvores, anunciando o anoitecer, haviam percorrido quase dez quilômetros.

— Isso me traz de volta tantas lembranças — comentou Mara, com certo sarcasmo, retirando a mochila das costas.

— É como em Myrkr — concordou Luke, usando o sabre-laser para cortar outro arbusto de espinhos. — Sabe? Eu nunca fiquei sabendo

o que aconteceu lá depois que parti.

— O que seria de se esperar — disse Mara. — Saímos dois passos à frente dos AT-AT de Thrawn. Depois quase fomos apanhados quando Karrde insistiu em ficar por perto para olhar.

— É por isso que está ajudando? Porque Thrawn colocou a cabeça de Karrde a prêmio?

— Vamos esclarecer uma coisa agora, Skywalker. Eu trabalho para Karrde e Karrde já disse que estamos neutros nessa guerra de vocês. O único motivo pelo qual estou aqui é porque conheço um pouco sobre a era das Guerras Clônicas e não quero ver um par de rostos frios duplicados pela Galáxia afora fazendo o que bem entendem. O único motivo pelo qual *you* está aqui, é que não posso destruir tudo sozinha.

— Compreendo — disse Luke, cortando mais um arbusto e desligando o sabre-laser. Com a Força, levantou os galhos cortados e baixou-os sobre o leito seco do rio. — Bem, não vai impedir que um perseguidor determinado nos alcance, mas pelo menos vai retardá-lo.

— É melhor do que nada — comentou Mara, retirando a embalagem de sua barra de ração. — Vamos esperar que esse não seja um daqueles lugares onde os predadores muito grandes vêm à noite.

— Os sensores de Artoo poderiam percebê-lo antes que se aproximassem demais — lembrou Luke.

Ligou de novo a lâmina e cortou mais dois galhos robustos He espinheiro, por via das dúvidas.

Ia desligá-lo, quando percebeu a mudança sutil nos sentidos de Mara. Voltou-se para encontrá-la observando a lâmina luminosa, a barra de ração esquecida na mão e uma estranha expressão no rosto.

— Mara? Você está bem?

O olhar dela desviou-se com rapidez.

— Claro. Estou ótima — respondeu ela. Atirando-lhe um rápido olhar, ela mordeu a barra com vontade.

— Está bem.

Desligando a arma, Luke usou a Força para mover os arbustos recém- cortados sobre os outros. Ainda não era uma boa barricada. Talvez se ele esticasse alguns daqueles galhos entre as árvores...

— Skywalker...

— O quê?

Mara olhava para ele.

— Eu preciso perguntar uma coisa... e você é o único que sabe. Como morreu o Imperador?

Por um instante, Luke estudou-lhe o rosto. Mesmo à luz reduzida do crepúsculo, percebeu a dor nos olhos dela; a recordação de uma vida de luxo e um futuro brilhante que lhe foi retirada em Endor. Mas ao lado da dor havia também uma forte determinação. Mesmo que fosse magoá-la, queria ouvir a verdade.

— O Imperador estava tentando me fazer passar para o Lado Negro da Força — começou Luke, sentindo outra vez a força dos acontecimentos passados. Naquele dia, quase fora ele a morrer em vez do Imperador. — Quase conseguiu. Tentei investir contra ele e ao invés disso me encontrei lutando com Vader. Acho que ele pensou que se eu matasse Vader cheio de raiva, me abriria para o Lado Negro.

— E ao invés disso, os dois investiram contra ele — acusou ela, os olhos brilhando de raiva. — Vocês dois...

— Espere um pouco — protestou Luke. Eu não o ataquei; Não depois daquele primeiro golpe.

— Do que está falando? Vi vocês dois. Os dois avançaram contra ele com os sabres-laser. Eu vi tudo.

Luke ficou olhando para ela... e subitamente compreendeu Mara Jade, a Mão do Imperador, que podia escutar sua voz de qualquer lugar na Galáxia. Ela entrara em contato com seu mestre no momento de sua morte e assistira tudo.

Só que, de alguma forma, entendera tudo errado.

— Eu não ataquei o Imperador, Mara. Ele estava a ponto de me matar quando Vader o apanhou e atirou-o pelo poço. Eu não poderia ter feito nada mesmo que quisesse... ainda estava meio paralisado pelos raios azuis que ele tinha lançado sobre mim.

— Como assim, nem se quisesse? Foi por isso que você subiu a bordo da Estrela da Morte, não foi?

Luke negou com um gesto de cabeça.

— Não. Fui lá tentar libertar Vader do Lado Negro da Força. Mara voltou-se para o outro lado e Luke sentiu-lhe o tormento interno.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— E por que eu iria mentir? — argumentou ele. — Não muda o fato de que se eu não estivesse lá Vader não se teria voltado contra ele. Nesse sentido, sou responsável pela morte do Imperador.

— Tem razão. É mesmo! — disse Mara, depois de um instante de hesitação. — E não vou esquecer disso.

Luke assentiu em silêncio e aguardou que ela continuasse a falar. Todavia, Mara permaneceu quieta e depois de um minuto ele virou as costas aos arbustos.

— Eu iria mais devagar com essas coisas, se fosse você — avisou ela, com voz controlada. — Não seria bom ficarmos encurralados nesses muros de espinhos se alguma coisa grande vier sobre os arbustos.

— Bem lembrado — disse Luke, compreendendo as palavras e o significado.

Havia um trabalho a fazer e até que estivesse terminado, precisava dele com vida. Depois, teria de enfrentar o que o destino lhe preparara. Ou escolher outro futuro.

Desligando o sabre-laser, Luke passou por Mara, caminhando na direção onde os outros se ocupavam em montar acampamento. Era hora de verificar os dróides.